

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

Fátima Calazans de Macedo<sup>1</sup>

**RESUMO:** É comprovado que, no Brasil, a alfabetização continua se constituindo em um dos principais desafios das políticas educacionais inerentes aos processos de ensino-aprendizagem e, por essa razão, é sempre discutida, avaliada, estudada ou transformada. O presente artigo, institui um diálogo entre a autora e demais teóricos(as), como: Ferreiro (2011), Geempa (2012), Kleiman (1995), Mortatti (2014), Soares (2020a, 2020b, 2021), Tfouni (2010) que fundamentam abordagens, opiniões e considerações acerca da alfabetização e do letramento. Todas as discussões transcorridas neste espaço dizem muito sobre a importância da aquisição da leitura e da escrita no contexto amplo educacional, mas principalmente, faz uma abordagem dos dois temas alfabetização e letramento, evidenciando os seus surgimentos, a essencialidade do uso dessas palavras e suas atribuições, bem como argumentar sobre as diferenças e semelhanças entre os dois conceitos em análise.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Semelhanças e diferenças dos conceitos em análise. Discussão teórica.

## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

O diálogo proposto neste espaço provém de algumas inquietações sobre os usos da escrita e da leitura cada vez mais discutidos pelas sociedades atuais, mas, principalmente, pela persistência de um problema ainda não solucionado – o fracasso em alfabetizar crianças, jovens e adultos brasileiros. É através dos temas alfabetização e letramento que se pretende abordar os conceitos divulgados, analisados por estudiosos(as)/pesquisadores(as) da área; assim também o surgimento, a necessidade do uso dessas palavras e suas respectivas funções, bem como discutir acerca das diferenças e semelhanças entre esses dois conceitos.

Propõe-se, aqui, explorar com mais detalhes os sentidos da alfabetização e do letramento, postos como distintos, mas inseparáveis, além do uso de um só termo para os denominar, no âmbito educacional.

---

<sup>1</sup>Mestra em Ciências da Educação pela Universidad Interamericana - Assunção/Paraguai (2022).

A obra *Alfabetização e Letramento* (2020b), da autora brasileira Magda Becker Soares<sup>27</sup>, revela um texto intitulado *As muitas facetas da alfabetização*, publicado em primeira edição no ano de 1985, nos *Cadernos de Pesquisa*, revista da Fundação Carlos Chagas (São Paulo), em número especial sobre alfabetização. Esse registro tem expressiva relevância para trazer à tona que, após mais de trinta anos da sua publicação, é um estudo atualizado, pela abordagem dos conceitos de alfabetização e letramento, mas também pela não resolução de grande parte dos problemas nele apontados, segundo a análise da pesquisadora.

Ressaltam-se, aqui, dois dos entraves existentes no campo da alfabetização, considerados por Soares (2020b). Um deles é o resultado dos dados nas

diferentes perspectivas desse processo, tratados em distintas áreas do conhecimento (Psicologia, Linguística, Pedagogia), mas cada uma discutindo suas percepções de maneira independente, desconsiderando as demais. Outro fator diagnosticado como problema é o código escrito a partir das relações entre o sistema fonológico e o sistema ortográfico da Língua Portuguesa.

Pelas razões elencadas anteriormente, acerca dos problemas na alfabetização, é necessária uma apreciação do seu conceito, abordado por Soares (2020b) na obra referenciada, porque a pesquisadora o analisa a partir de três desdobramentos. Essas divisões decorrem através de “três objetos de conhecimento diferentes na composição do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, objetos a que correspondem domínios cognitivos e linguísticos distintos” (SOARES, 2020b, p. 29), denominados pela pesquisadora de *faceta linguística*, *faceta interativa* e *faceta sociocultural*. Assim, são categorias de competências a serem desenvolvidas a partir dessas facetas:

1. *Alfabetização* em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita.
2. A alfabetização [...] é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito.
3. [...] Aspecto social: a conceituação de alfabetização não é a mesma, em todas as sociedades (SOARES, 2020, p. 16-19, grifos da autora).

---

<sup>27</sup>Professora titular emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE) da Faculdade de Educação da UFMG. É graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação. Dedicou sua vida universitária a leituras, pesquisas, docência, publicações marcadas pela reflexão sobre o ensino para crianças. Atua como voluntária na Rede Pública de um município mineiro, desenvolvendo, ao lado de gestores(as) e professores(as), um projeto de Alfabetização e Letramento na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. As credenciais da autora brasileira estão descritas nesta nota pela sua dedicação aos estudos que envolvem a alfabetização e o letramento.

Ao ser definida a concepção de alfabetização com foco na *faceta linguística* – processo de aquisição da leitura e escrita, significa dizer que alfabetizaré adquirir habilidade de codificar a fala na forma de texto (escrita) e decodificar a escrita (leitura), ou seja, transformar a escrita no seu correspondente oral e a linguagemoral em seu correspondente escrito.

Fica determinado que esse processo é a representação de fonemas em grafemas e vice-versa; portanto, estaria alfabetizada a pessoa que estabelecesse, para si, uma correspondência correta entre sons e letras na Língua Portuguesa e realizasse a leitura de sílabas ou palavras isoladas. Na segunda concepção de alfabetização abordada com foco na *faceta interativa* – processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito, com predominância no Construtivismo – as competências vinculadas são consideradas consequência da inclusão do sujeito no mundo da cultura do escrito e

somente se dá quando a pessoa alfabetizada compreende o que escreve e, na mesma proporção, interpreta o seu significado.

A terceira concepção sobre alfabetização com foco na *faceta sociocultural* implica conhecimentos, habilidades e atitudes característicos que promovam admissão apropriada nos acontecimentos sociais e culturais. Logo, acredita-se, nesse campo de enfoque, que o processo de alfabetização depende, exclusivamente, das especificidades culturais, econômicas e tecnológicas.

Feita a análise e discussão acerca das facetas sobre alfabetização propostas por Soares (2020b), reporto-me a um outro conceito definido pela pesquisadora Tfouni (2010), para a qual:

Existem duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes (TFOUNI, 2010, p. 16).

Observa-se um reencontro e reafirmação dos conhecimentos acerca da elaboração de um conceito sobre alfabetização que mais se aproxima da definição abordada nesta subdivisão.

Pretende-se, neste momento, retomar a ideia inicial do uso do termo facetas para tratar sobre alfabetização. Soares (2020b, p. 20) define alfabetização como um “conjunto de habilidades, o que a caracteriza como um fenômeno de natureza complexa, multifacetado”. Essa complexidade e multiplicidade de facetas elucidam a razão do processo de alfabetização

como vem sendo estudado/pesquisado por inúmeros e distintos profissionais que privilegiam as aptidões, segundo a área de conhecimento a que pertencem.

Toda essa abordagem conceitual está incompleta segundo a conjectura de ideias de Soares (2020b), pois a autora trata do fracasso escolar em alfabetização não somente pela complexidade da natureza do processo, mas também pela prevalente incidência desse fracasso nas crianças de classes populares, pois “o processo de alfabetização, na escola, sofre talvez mais que qualquer outra aprendizagem escolar, amarração da discriminação em favor das classes socioeconomicamente privilegiadas” (SOARES, 2020b, p. 24). É também na escola que sucedem preconceitos linguísticos e culturais que comprometem o processo de alfabetização, tornando-se imprescindível acrescentar a essa análise os fatores de caráter social, econômico, cultural e político que o condicionam.

Conclui-se, então, que o conceito mais coerente sobre alfabetização tão-somente é provável se a junção e consistência das várias facetas do processo forem contextualizadas social e culturalmente, bem como iluminadas por uma postura política que resgate seu real sentido, de acordo com Soares (2020b).

Ao se tratar dos diferentes conceitos sobre alfabetização, sucede uma relevância nesse contexto: à medida que os fatos são abordados, o tempo também difere nesse processo. Partindo desse pressuposto, a UNESCO, desde sua fundação, elabora, revisa e recomenda conceitos sobre alfabetização como fundamento e padronização mundial, evidenciando a sua evolução:

1951: A capacidade de uma pessoa que sabe ler e escrever uma declaração curta e simples no seu dia a dia e entende aquilo que leu e escreveu.

1957: Um *continuum* de habilidades, inclusive de leitura e escrita, aplicadas a um contexto social.

1962: O fato de um indivíduo possuir o conhecimento e as habilidades essenciais que o capacitam a se engajar em todas aquelas atividades necessárias para que ele tenha um funcionamento efetivo em seu grupo e em sua comunidade, e cujas conquistas em leitura, escrita e aritmética tornam-lhe possível fazer uso dessas habilidades em prol de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade.

1978: A capacidade que uma pessoa tem para engajar-se em todas aquelas atividades em que [o letramento] é necessário para que ela funcione de modo efetivo dentro de seu grupo e comunidade e também para capacitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo matemático em prol de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade (HARRIS e HODGES, 1999 *apud* MORTATTI, 2014, p. 20).

Conforme a apreciação dessas muitas facetas, novos conceitos de alfabetização são pensados, com sentido e função social, compreendendo como e para quê ler e escrever, a fim de que a criança, o jovem e o adulto sejam respeitados em seus processos como sujeitos ativos na construção dessa aprendizagem. Ressalva-se, aqui, que a alfabetização é um conceito plural e dinâmico, por isso nem estas nem qualquer outra definição têm caráter permanente.

Aprendemos novas maneiras de usar a escrita e a leitura, como exposto na evolução conceitual de alfabetização à medida que surgem novas demandas em todos os âmbitos da vida: educacional, pessoal, profissional.

De certo, essas mudanças e evolução de conceitos estão conexas com os aspectos de desenvolvimento social, cultural, econômico e político que ocasionaram inovações imprescindíveis, fazendo emergir novos acontecimentos e novos encargos, como é abordado por Mortatti (2014):

De fato, ainda é preciso aprender a ler e escrever, mas a alfabetização, entendida como aquisição de habilidades de mera decodificação e codificação da linguagem escrita e as correspondentes dicotomias analfabetismo x alfabetização e analfabeto x alfabetizado não bastam... mais. É preciso, hoje, também saber utilizar a leitura e a escrita de acordo com as contínuas exigências sociais e esse algo mais é o que se vem designando de “letramento” (MORTATTI, 2014 p. 34).

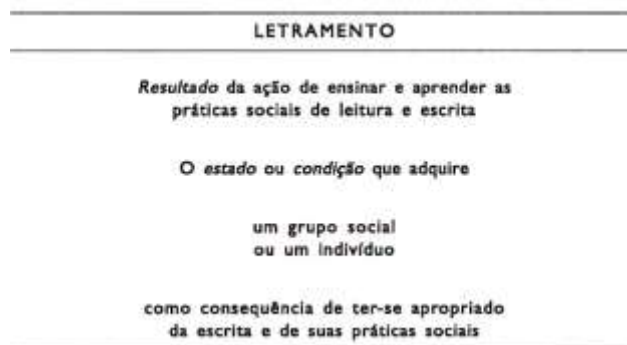
Segundo as hipóteses difundidas pelas pesquisadoras brasileiras Kleiman (1995), Mortatti (2014) e Soares (2021), o termo letramento pode ter sido utilizado pela primeira vez por Mary Kato, na apresentação do seu livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, no ano de 1986, “cujo objetivo é salientar aspectos de ordem psicolinguística que estão envolvidos na aprendizagem da linguagem, no que se refere à aprendizagem escolar por parte de crianças” (MORTATTI, 2014, p. 87). Na oportunidade, ressalta-se que a palavra letramento é uma tradução para o português da palavra inglesa *literacy*.

No ano de 1998, Magda Soares concretizou a primeira edição da obra *Letramento: um tema em três gêneros*, título que já explicita a fusão de três textos distintos, com diferentes finalidades para abordar a mais recente<sup>28</sup> descoberta: o letramento. Os textos elaborados e difundidos pela autora ganharam uma proporção de destaque nos estudos posteriores à sua produção e ainda é muito atual, por constar uma análise detalhada sobre o tema em discussão.

<sup>28</sup>O termo e seu significado referenciado foi mantido para enfatizar o período da primeira edição da obra que revela o início das discussões acerca do letramento.

No segundo texto do livro, a autora sintetiza o conceito de letramento, conforme imagem a seguir:

**IMAGEM 1 – Conceito de letramento**



**FONTE:** SOARES, 2021, p. 39.

De acordo com o conceito definido por Soares (2021), busca-se a compreensão de três fatores categóricos para as próximas apreciações acerca do tema: onde e qual o período que surgiu o termo letramento; qual a finalidade da criação do letramento; e qual o significado de letramento. Para contrapor, concordar ou até mesmo fazer novas alusões às ideias contidas no conceito de Soares (2021), pretende-se trazer à discussão alguns teóricos(as) brasileiros(as) que estudam, pesquisam e explicitam suas reflexões e propostas a respeito do tema.

Tfouni (2010), estudiosa e pesquisadora do tema desde 1980, revela suposições acerca do surgimento do letramento, acrescentando que este se deu através da tomada de consciência entre linguistas, para os quais estava incompleto o conceito de alfabetização. Assim, algo mais existia nessa conjectura, mais extenso, mais categórico. Os estudos realizados por Kleiman (1995) traduziram que o conceito de letramento foi introduzido e disseminado nos meios acadêmicos como iniciativa de apartar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos acerca da alfabetização, cujos desdobramentos escolares acentuam as competências individuais na utilização da escrita.

Soares (2020b) faz uma abordagem sobre a invenção<sup>29</sup> do letramento e chama atenção para o fato de que isso se sucedeu em um mesmo período histórico, em sociedades distintas tanto geograficamente quanto socioeconômica e culturalmente, visto que a necessidade em comum a todas essas sociedades se pautava no reconhecimento e nomeação das:

<sup>29</sup>O termo “invenção” adotado por Soares (2020b) e mantido nesta produção se dá para evidenciar o surgimento do letramento na perspectiva de inovação dos estudos acerca da complexidade da prática de ler e escrever consequente da aprendizagem da escrita do sistema da escrita.

Práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. Assim, é em meados dos anos 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do *letramento* no Brasil, do *illettrisme*, na França, da *literacia*, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, *alphabétisation*. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, embora a palavra *literacy* já estivesse dicionarizada desde o final do século XIX, foi também nos anos de 1980 que o fenômeno que ela nomeia, distinto daquele que em língua inglesa se conhece como *reading instruction, beginning literacy*, tornou-se foco de atenção e de discussão nas áreas da educação e da linguagem [...] (SOARES, 2020b, p. 31, grifos da autora).

Diante dessa alusão, evidenciam-se e justificam-se os estudos, pesquisas, artigos e livros voltados para o tema letramento, a partir desse momento, em todos os países mencionados anteriormente. Os diversos programas de avaliação do nível de competência de leitura e escrita da população desenvolvidos, embora definam um conceito de letramento preciso e universal demandam uma:

Vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição (SOARES, 2021, p. 66).

Na introdução da obra *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, Kleiman (1995, p. 8), ao abordar o significado do letramento seguindo uma linha freiriana, ressaltou o efeito “potencializador de poder do letramento” e acrescentou que “a palavra de ordem nos estudos sobre o letramento que se voltam para a transformação da ordem social é *empowerment through literacy*, ou seja, potencializar pelo letramento”. Logo, a pesquisadora definiu o conceito de letramento “como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 18).

Torna-se indispensável prosseguir nos estudos de Kleiman (1995) para privilegiar outro ponto de vista apresentado por ela. Trata-se das duas concepções predominantes do letramento, relacionando-as com a conjuntura de ensino e com a aprendizagem da língua escrita por parte tanto da criança quanto de adolescentes, jovens e adultos. Conforme a autora

As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita (KLEIMAN, 1995, p. 19).

A partir dessa abordagem, constata-se que a escola não se compromete com o letramento – prática social, mas somente um tipo de prática de letramento – a alfabetização, em uma perspectiva de aquisição de códigos, geralmente concebidos em termos de uma competência individual imprescindível para o sucesso e ascensão na escola. A essas práticas de uso da escrita da escola – concepção de letramento dominante na sociedade, são originárias de um modelo de letramento autônomo, com o qual vem sendo discutido por Kleiman (1995), Mortatti (2014) e Tfouni (2010).

O formato autônomo de letramento suscita outra discussão acerca do modelo que contrapõe suas especificidades – o ideológico. Esse modelo alternativo de letramento ideológico destaca “explicitamente o fato de que todas as práticas de letramento são aspectos não apenas da cultura, mas também das estruturas de poder numa sociedade” (KLEIMAN, 1995, p. 38). A essa abordagem conceitual, Mortatti (2014, p. 104-105) acrescenta que a leitura e a escrita são consideradas atividades eminentemente sociais que variam no tempo e no espaço e dependem do tipo de sociedade, bem como dos projetos políticos, sociais e culturais em disputa.

Nesse caminho dos enfoques a respeito do letramento, não há uma tentativa de convencimento de um conceito específico aqui exibido, mas um pensar que revela originalidade, facetas, contraposições, investigação, possibilidades, fusão e, principalmente, poesia. Letramento é poesia que narra, busca compreender, integra, faz ciência, efetiva os fatos, revela virtudes, condiciona à arte, cria novos conhecimentos, empodera o ser.

Dito anteriormente, não ter evidência de uma definição conclusiva sobre letramento, porém se apresenta uma maneira poética desse fenômeno, traduzido no poema de Kate M. Chong, ao escrever sua história pessoal de letramento, referenciado e adaptado por Soares (2021) com explicações plausíveis acerca de cada estrofe produzida:

### O QUE É LETRAMENTO?

Letramento não é um gancho  
em que se pendura cada som enunciado, não é  
treinamento repetitivo  
de uma habilidade, nem  
um martelo  
quebrando blocos de gramática.



Letramento é diversão é  
leitura à luz de vela ou lá fora,  
à luz do sol.

São notícias sobre o presidente, o  
tempo, os artistas da TV  
e mesmo Mônica e Cebolinha nos  
jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,  
uma lista de compras, recados colados na geladeira, um  
bilhete de amor,  
telegramas de parabéns e cartas de  
velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos, sem  
deixar sua cama,  
é rir e chorar  
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,  
sinais de trânsito, caças ao tesouro,  
manuais, instruções, guias,  
e orientações em bulas de remédios, para  
que você não fique perdido.

Letramento é, sobretudo,  
um mapa do coração do homem, um  
mapa de quem você é,  
e de tudo que você pode ser.

(McLAUGHLIN e VOGT, 1996 *apud* SOARES, 2021, p. 41).

De forma concreta, o poema demonstra que letramento ultrapassa as facetas da alfabetização. Assim, Soares (2021) explicita como o letramento é um estado, uma condição: o de quem se relaciona com as diferentes funções que a leitura e a escrita exercem na vida das pessoas. Por fim, entende-se que letramento é o estado ou condição de quem submerge nas abundantes e diversificadas práticas sociais de leitura e de escrita. O surgimento do conceito de letramento se deu na década 1980, logo o que se tem constatado é que foi difundido entre educadores e alfabetizadores através das produções no âmbito acadêmico,

tomando uma grande proporção na ciência, mas essa divulgação vem reafirmar, dentre outras questões, certa exaustão dos limites teóricos e práticos do termo alfabetização, apesar de todos os esforços históricos de se buscar compreender e explicar, de outros pontos de vista, o ensino-aprendizagem da leitura/escrita e o analfabetismo.

O que se tem observado durante os estudos e análises acerca do tema alfabetização e letramento, todavia, é a existência da palavra alfabetização, a qual não se criou uma consonância a respeito do uso de letramento. Segundo Mortatti (2014, p.80), a relação entre ambos, portanto, não está ainda suficientemente esclarecida e vem gerando ora usos inadequados, ora propostas de opção por um ou outro termo, ou de complementaridade entre eles.

Por essas razões elencadas anteriormente e após discorrer sobre questões pontuais relacionadas à alfabetização e ao letramento como proposto na atual subdivisão desta produção acadêmica, retomemos à grande diferença entre esses temas, as concepções mais específicas sobre os dois assuntos. Portanto, não se tem, aqui, a pretensão de concluir ideias, tampouco elaborar um conceito determinante de alfabetização e letramento.

De acordo com a concepção de Tfouni (2010),

A alfabetização refere-se à aquisição da escrita enquanto aprendizagem e habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem. Isso é levado a efeito, em geral, por meio do processo de escolarização e, portanto, da instrução formal. A alfabetização pertence, assim, ao âmbito do individual. [...] O letramento, por sua vez, focaliza os aspectos sócio- históricos da aquisição da escrita. [...] o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado e, nesse sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social (TFOUNI, 2010, p. 11-12).

Essa abordagem é feita pela pesquisadora a partir de um ponto de destaque— esses fenômenos estão decisivamente unidos entre si, porém nem sempre são focados como elementos indissociáveis pelos(as) estudiosos(as) da área. Complementa-se que alfabetização e letramento são processos de aquisição de um sistema escrito, no qual um se integra na esfera individual e o outro se concentra no social.

A partir do conceito descrito acima sobre alfabetização, conclui-se que, em geral, trata-se da aquisição da linguagem escrita e esse modelo é linear e de desenvolvimento, onde a pessoa é capaz de fazer uso e decodificar símbolos gráficos que representam os sons da fala. Esse processo também enfoca a questão da escolarização que sucede, em geral, com a alfabetização e ainda abarca níveis de complexidade crescentes, em cada um dos quais distintos elementos são considerados estabelecidos pela pessoa imbuída nesse processo.

Nessa perspectiva, os estudos de Tfouni (2010) a respeito do letramento não se limitam apenas às pessoas que têm domínio sobre a escrita – os(as) alfabetizados(as). Esses estudos procuram examinar também as implicações da carência da escrita na condição individual, mas sempre expedindo ao social mais extenso, averiguando quais particularidades do arcabouço social têm afinidade com os acontecimentos expostos. Até o momento, a análise dos conceitos de alfabetização e letramento busca esclarecê-los/relacioná-los e pretende, também, desvendar entre analogias esses dois processos, elucidações para os percursos realizados, nas últimas três décadas, no campo da alfabetização. Assim, continua-se um caminho para maiores esclarecimentos acerca do tema que Soares (2020b) explicita mais uma das definições:

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas<sup>30</sup>. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização (SOARES, 2020b, p. 63).

Partindo desse ponto de vista, o conceito de letramento faz uma inferência acerca das condutas e práticas sociais de leitura e de escrita, as quais consistem na visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais se tornaram cada vez mais focalizadas e condicionadas na língua escrita, demonstrando a incapacidade de somente alfabetizar, tradicionalmente, a criança, o jovem ou o adulto. Segundo Soares (2020b), no primeiro momento essa visibilidade revelou-se em uma característica da palavra alfabetização ou como tentativa de alargamento da acepção de alfabetização/alfabetizar através de declarações como: alfabetizar não é somente aprender a ler e escrever; alfabetizar é muito mais que somente ensinar a codificar e decodificar.

Letramento, nessa concepção, é uma decorrência da necessidade de destacar e nitidamente configurar, nomeando condutas e práticas de uso do sistema de escrita, em circunstâncias sociais em que a leitura e/ou a escrita permaneçam entrelaçadas. Contudo, possivelmente, devido ao fato de a origem conceitual de letramento ter se dado à ampliação do conceito de alfabetização, esses dois fenômenos têm sido comumente confundidos ou até mesmo fundidos. No entanto, Soares (2020b) acrescenta à essa discussão:

---

<sup>30</sup>O registro acerca do tempo mencionado foi feito para ser fidedigna à referência da autora, mas vale ressaltar que a introdução de letramento, conceito e palavra, no vocabulário da área educacional sucedeu em meados dos anos de 1980, conforme Soares (2020b).

É necessário reconhecer que alfabetização – entendida como a aquisição do sistema convencional de escrita – distingue-se de letramento – entendido como desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais: distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem e, portanto, também de ensino desses diferentes objetos (SOARES, 2020b, p. 64).

Essa citação elucida o quanto é importante ter clareza a respeito da distinção entre os dois processos: alfabetização e letramento. Por essa razão, Soares (2020b) é favorável à conservação dos dois termos, por serem processos de natureza essencialmente díspares, abrangendo habilidades e competências característicos que provocam formas de aprendizagem distintas e, por conseguinte, procedimentos diferentes de ensino.

Após essa explicitação do que converge entre alfabetização e letramento, também é indispensável reconhecer que embora existam diferenças, são processos interdependentes e indissociáveis. Segundo Soares (2020b), a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida na conjuntura de práticas, ou seja, em um contexto de letramento e através de atividades de letramento que, por sua vez, só podem se desenvolver na vinculação por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Esse enfoque é também tratado por Mortatti (2014, p. 108-109) quando afirma que “não há total desvinculação entre letramento e alfabetização (escolar). Embora se trate de processos distintos, não se pode desconsiderar a relação de interdependência e indissociabilidade que se estabelece entre ambos”. Essa citação corrobora com a atual discussão, a qual considera evidente a relação de alfabetização e letramento, além de indispensável. Ainda que enfoque as diferenças, acaba por dissolver a particularidade de cada um dos dois fenômenos.

Para enfatizar a discussão, Soares (2020b) elenca os motivos pelos quais esses dois processos não devem, sob nenhuma hipótese, se distanciarem, se desvincular:

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento (SOARES, 2020b, p. 44, grifos da autora).

Embora a indissociabilidade e interdependência entre alfabetização e letramento seja uma defesa por parte de alguns/algumas estudiosos(as) da área, existem alguns/algumas pesquisadores(as) que contrapõem e discorrem suas ponderações ao abordar o tema alfabetização e letramento como processos inseparáveis. Logo, a discussão versa que somente existe alfabetização com letramento.

Na visão de Soares (2020b),

A alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, o que talvez até permitisse optar por um ou outro termo, como sugere Emília Ferreiro [...] que rejeita a coexistência dos dois termos com o argumento de que em alfabetização estaria compreendido o conceito de letramento, ou vice-versa, em letramento estaria compreendido o conceito de alfabetização (SOARES, 2020b, p. 45).

A razão pela qual Emília Ferreiro trata como um equívoco a terminologia alfabetização e letramento é a determinação de uma dissociação entre um código

escrito ou um sistema de marcas com correspondências grafofônicas; por outro lado, os usos sociais e as funções sociais da escrita. Nesse contexto, a pesquisadora diz que o problema reside na ineficiência ao caracterizar a escrita quando se pensa ser um código, ou seja, significa dizer que não existe alfabetizar letrando, como é defendido por algumas estudiosas, a exemplo de Soares (2020b, 2021).

Fundamentalmente, apresenta-se a concepção de Ferreiro (2011) acerca da alfabetização, a qual afirma não ser um processo mecânico, do ponto de vista da criança que constrói a sua aprendizagem, pois esta “constrói sistemas interpretativos, pensa, raciocina e inventa, buscando compreender esse objeto social particularmente complexo que é a escrita, tal como ela existe em sociedade” (FERREIRO, 2011, p. 11).

Nessa perspectiva, Ferreiro (2011, p. 99) afirma que “a língua escrita é muito mais que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, em um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural”. Significa dizer que a escrita traz consequências no desenvolvimento dos princípios funcionais e as funções específicas dependem da necessidade que a criança sente da linguagem escrita.

Assim, os princípios linguísticos se ampliam à medida que a criança se apropria da forma como a linguagem escrita está organizada para extrair sentidos na cultura. O GEEMPA aborda esse tema, afirmando que a alfabetização somente se dá com o letramento:

A alfabetização não é um processo contínuo cumulativo. Alfabetização, em realidade, é um salto, uma ruptura, fruto de uma síntese que se concretiza numa competência: conseguir entender o texto lido e conseguir escrever um texto que outro compreenda o sentido que o alfabetizado quis dar ao seu escrito. O termômetro de uma avaliação não é a decodificação da junção de letras para formar as sílabas. Somente conseguir ler as sílabas, mesmo que sejam todas as sílabas, não corresponde a estar alfabetizado (GEEMPA, 2012, p. 17).

Essa discussão está pautada na construção de texto, critério adotado pelo grupo para considerar uma pessoa alfabetizada, ou seja, quem apenas realiza uma leitura, silabando, não tem propriedade do sentido do que está lendo. A essa análise, acrescenta-se que, na verdadeira

alfabetização, o significado da representação da escrita antecede a decodificação, sendo o sentido do que se quer ler um assistente imperativo para a leitura.

Diante do exposto, a possibilidade de contextualização semântica, tanto da leitura quanto da produção escrita de um texto, é um componente principal de uma avaliação da capacidade de ler e escrever. Logo, para avaliar a competência de leitura e de escrita, é mister uma contextualização de sentido do que se lê e do que se escreve. Mas, segundo a análise do GEEMPA (2012), esse escrito deve apresentar qualidades lógicas mínimas, como a competência de provocar afetos, de emocionar, de haver significado, de gerar energias subjetivas.

A respeito dessa abordagem, conclui-se que para efetivar, de fato, a leitura de um texto é indispensável sua contextualização, a fim de se ter o apoio imprescindível para concretizar uma leitura com compreensão. “Por isso, não existe alfabetização verdadeira sem letramento, quem apenas sabe decodificar sílabas não é um leitor” (GEEMPA, 2012, p. 17). Portanto, à essa terminologia o GEEMPA (2012) opta pelo fenômeno da alfabetização.

## METODOLOGIA

A metodologia de um projeto tem a função de guiar uma pesquisa com base na ciência, promovendo dessa maneira, uma investigação mais completa para obtenção do resultado almejado. Sendo assim, é imprescindível pensar numa metodologia que garanta eficácia para alcançar os objetivos delineados para a pesquisa.

A partir do exposto, o delineamento adotado para coleta de dados é a pesquisa bibliográfica, “desenvolvida exclusivamente a partir de fontes bibliográfica” (GIL, 2002, p.44). A pesquisa teve como base o material elaborado pelos estudiosos referenciados nesse trabalho, com busca aprofundada nos respectivos acervos bibliográficos da alfabetização e letramento, constituído por livros científicos.

## CONCLUSÃO

A realização do presente trabalho científico, mostra a relevância do conhecimento acerca dos conceitos: alfabetização e letramento, porque ambos contribuem para o desenvolvimento das habilidades imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem, como a escrita, a leitura e a comunicação. Portanto, emerge então, a necessidade de um olhar cuidadoso, minucioso, criterioso no estudo e conhecimento dos dois conceitos abordados.

Mediante o exposto a respeito dos fenômenos alfabetização e letramento, abordados nesse espaço, torna-se evidente que o assunto acerca dessas terminologias não está definido e, muito menos, esgotado. Portanto, o diálogo acerca do tema em evidência se tornou imperativo com a finalidade de compreender a alfabetização em uma abordagem mais notada e também contemporânea: como um conjunto de práticas de leitura e escrita que resultam de uma concepção de o quê, como, quando e por quê ler e escrever (SOARES, 2021), mas, principalmente, como oportunidade de reavaliar a persistência de um problema ainda não solucionado – o fracasso em alfabetizar crianças, jovens e adultos brasileiros, descrito na abertura deste capítulo.

## REFERÊNCIAS

- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GEEMPA. **Nenhum a menos: alfabetização 100% em um semestre**. Porto Alegre: GEEMPA, 2012.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KLEIMAN, Angela Bustos. Modelos de letramento e as práticas. In: KLEIMAN, Angela Bustos (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de letras, 1995.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Educação e letramento**. São Paulo: UNESP, 2014.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2020a.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2020b.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2010.